



Quem comparecer à mostra vai ver de perto os materiais e as ferramentas utilizadas por Marta para fazer arte

LIGA DE ARTE E CALOR

FELIPE MIRANDA *
ESTAGIÁRIO

Foi num ambiente predominantemente ocupado por homens que uma alagoana desenvolveu a prática que a consagrou. A arte que a caracteriza há 30 anos. Em meio a gasodutos ela se descobriu artista. Assim, meio despreziosamente. Ao soldar restos de chapas e tubos não utilizados em obras, Marta Arruda transformou um passatempo em profissão. Investiu e cresceu. Fez seu próprio nome. A vida que exala no ambiente exposto na mostra *Marta Arruda - 30 anos de arte*, lá na Pinacoteca Universitária, nada mais é que a verdade. A verdade de quem superou preconceitos e hoje é uma das representantes mais importantes do cenário artístico alagoano.

Sua especialidade é o aço. Essa liga de ferro e carbono. Misto de força e sensibilidade. "A prá-

tica adquirida ao longo dos anos, aliada ao meu conhecimento da matéria prima, facilitou em tudo tecnicamente", explica. Segundo ela, a dificuldade encontrada não foi no aço em si, mas no ambiente no qual ele estava inserido. "Vivenciei alguns obstáculos sociais por ser uma mulher exercendo um trabalho que até então, em Alagoas, só era exercido por homens." A decisão de se aventurar em algo novo não veio dela. Veio de forças exteriores. Maiores que ela, talvez. "O aço me escolheu. Chegou na minha vida de uma forma maravilhosa quando me tornei soldadora." Os resultados vieram quando ela dominou sua profissão para fazer arte. "Aprendi que não há dureza que resista ao calor, nem a do aço nem a do ser humano."

Para entender o mundo que resolveu fazer parte ela precisou estudar. Dedicar-se. "Sempre bus-

quei compreender melhor as artes visuais, indo a exposições e adquirindo publicações relacionadas a elas", conta a artista. Para ela, não há algo específico que a inspire. "As ideias surgem." No início de tudo o trabalho da artista pernambucana Irene Duarte foi um referencial. "Ela tem um estilo bem diferente do meu, mas suas esculturas são maravilhosas." E por saber da importância de vislumbrar horizontes que de alguma forma sirvam como direção, Marta Arruda ministrará oficinas de modelagem como parte da programação de sua exposição. "O despertar de um artista vem de várias formas e uma delas é vivenciando de maneira leve, quase lúdica, determinada técnica. Como trabalhar a chapa, o varão e aproveitar a sucata."

Para comemorar as três décadas de carreira, uma recriação *in loco* de seu es-

paço de trabalho foi feita na Pinacoteca Universitária, lá na Praça Sinimbu. Um ateliê vivo. Quem comparecer vai ver de perto os materiais e as ferramentas utilizadas por Marta para fazer arte. Há painéis e esculturas também. E na hora de trabalhar, ela explica que não possui muitos requisitos. "Para criar só preciso estar disposta fisicamente, já que lido com peças e equipamentos pesados. E preciso que esteja tudo organizado. O meu trabalho depende de planejamento, uma vez que, devido a regras de convívio preciso, manter o silêncio no ateliê fora do horário comercial."

Quando se recorda sobre sua trajetória ela destaca uma data marcante. O exato momento em que ela ingressou no mundo das artes. "Foi o dia em que o cineasta Joaquim Alves levou o crítico de arte Romeu Loureiro à fábrica da Alclor Química pa-

ra conhecer minhas obras. Me lembro que eu estava soldando no local. Foi um momento especial." Mas claro, há coisas que ela gostaria de ter feito diferente. "Ter aprendido a me relacionar melhor com todos os segmentos que envolvem a arte e a cultura é algo que eu gostaria de ter feito. Esse meio é um leque enorme. Ainda sinto vontade de voar nesse sentido." E ainda há tempo, não é mesmo?

Para o restante de 2016 ele prepara uma série de atividades comemorativas que devem seguir até o ano que vem. Com o projeto Mosaico na Escola, organizado pela Secretaria de Educação de Marechal Deodoro, no qual ela atua como facilitadora de criatividade; Marta capacitará cerca de 300 alunos até o final de dezembro. "É um trabalho que faço há 20 anos. E desde quando tudo começou eu digo o seguinte aos meus alunos: Quan-

do você cria uma expectativa, você está se responsabilizando pela comunidade. É como uma tábua de salvação. Tem que encontrar mecanismos para que eles se sintam confiantes e com elevada autoestima. Para seguirem em frente, sentem-se capazes e não dependerem dos outros. Poderem dizer: Eu aprendi! Agora é comigo!". É a nobreza da arte. Um ciclo bonito de vida, feito o do aço. Sempre em mutação. ☺

* Sob supervisão da editoria de Cultura.

SERVIÇO

O quê: Exposição Marta Arruda - 30 anos de arte

Quando: Aberto ao público até o dia 9 de setembro, das 8h30 às 18h, de segunda à sexta

Onde: Pinacoteca Universitária, à praça Sinimbu, no Centro

Mais informações: (82) 3214- 1545/ 1426